

EDITORIAL

Contra o obscurantismo

Junho foi um mês de luta e também um mês de festa. Por um lado, foi realizada mais uma manifestação em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, terceira que toma as ruas do centro de Goiânia no espaço de um mês. Por outro, festas juninas pontuaram o mês, com agenda em todas as semanas e é claro que o Adufg não ficou de fora, realizando o seu arraiaá no finalzinho de junho, novamente fechando a rua lateral e atraindo um público de mais de 700 pessoas. Você encontra um pouco desta festa e suas fotos por aqui. Nesta edição também trazemos o feedback da pesquisa de opinião realizada pelo Adufg com professores da ativa, filiados e não filiados, e também com aposentados que revelaram qual é o perfil do professor da UFG hoje. Além disso, na mesma matéria mostramos uma correlata sobre o perfil socioeconômico dos alunos de graduação da UFG, divulgados no mês passado pela reitoria. Falamos um pouco sobre o fundo patrimonial criado por ex-alunos e professores da Escola de Engenharia para investir na própria unidade e publicamos uma conversa com José Alexandre Felizola e outra com Lúcia Santaella, ambos dois grandes pesquisadores, sobre a importância de se proteger e defender a ciência nos complicados tempos em que vivemos. A professora Cizinha relembrou a criação do sarau do Sindicato e sua importância para a valorização do professor aposentado e encerramos esta edição contando um pouco da história da professora Lee Chen Chen, do ICB, que veio da China, passou pelo Rio e por São Paulo, mas que fez sua carreira aqui na UFG.

Redação: (62) 3202-1280
jornaldoprofessor.adufg@gmail.com



Foto: Jean Souza

Ah mas isso aqui tá muito bom!

Mais de 700 pessoas participaram da edição 2019 do Arraiá Adufg-Sindicato

Página 6

PÉ DE MEIA

Associação formada por docentes e ex-alunos da UFG desenvolveu um fundo patrimonial cujo rendimento irá fomentar os projetos e a manutenção da infraestrutura **Página 7**

Foto: Luciana Porto



◀ **A docente Lee Chen Chen veio da China quando ainda era pré-adolescente e fez sua vida e carreira dentro da UFG**

Página 16

Quem é o professor?

Pesquisa feita pelo Adufg-Sindicato revela o perfil do professor sindicalizado, aposentado e não-filiado

Páginas 8 e 9

História

Professora Cizinha relembra a criação e desenvolvimento do sarau dos aposentados da UFG

Página 12

Luta

Registramos um pouco da manifestação em defesa da Educação que levou 15 mil pessoas para as ruas em cada dia de ato

Página 13

prestação de contas

Março de 2019

1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros		
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	348.609,95
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	0,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.560,87
1.4	Receitas Financeiras	19.816,61
1.5	Outras Receitas	565,95
1.6	Resgate de aplicações financeiras	0,00
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	0,00
Total R\$		370.553,38

2 Custos e Despesas Operacionais		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	16.998,90
2.1.2	Encargos Sociais	32.374,89
2.1.3	Seguro de Vida	787,68
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	2.129,50
2.1.5	Ginástica Laboral	650,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	13.500,50
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	773,14
Total R\$		67.214,61

2.2 Serviços Prestados por Terceiros		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.363,67
2.2.2	Despesas com Correios	699,17
2.2.3	Energia Elétrica	4.680,76
2.2.4	Honorários Advocatícios	10.000,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.942,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	408,10
2.2.7	Serviços Gráficos	8.233,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	0,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	3.260,76
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	1.149,07
2.2.11	Vigilância e Segurança	443,17
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	0,00
2.2.13	Serviços de Informática	2.520,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	250,01
2.2.15	Água e Esgoto	696,97
Total R\$		38.646,68

2.3 Despesas Gerais		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	4.664,25
2.3.2	Despesas com Táxi	323,34
2.3.3	Despesas com Coral	4.593,51
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	552,56
2.3.5	Diárias de Viagens	10.791,65
2.3.6	Tarifas Bancárias	849,80
2.3.7	Lanches e Refeições	648,14
2.3.8	Quintart	6.785,73
2.3.9	Patrocínios e Doações	20.226,00
2.3.10	Manutenção de Veículos	617,03
2.3.11	Festa do Professor	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	2.548,22
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.336,03
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campeste	6.929,26
2.3.16	Hospedagens Hotéis	2.197,69
2.3.17	Material de expediente	1.491,62
2.3.18	Outras despesas diversas	6.041,59
2.3.19	Manutenção e Conservação	2.705,89
2.3.20	Homenagens e Condecorações	200,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	5.046,31
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	2.327,97
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	10,45
2.3.24	Sextart/Festa do Professor Jataí	6.972,00
2.3.25	Festa do Professor Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Eleições	0,00
2.3.27	Despesas com manifestações	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	321,60
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	800,01
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	500,00
Total R\$		89.516,65

2.4 Despesas Tributárias		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	68,42
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	241,62
Total R\$		310,04

2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	27.666,09
Total R\$		27.666,09

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$	223.354,07
3 Resultado do exercício 03.2019 (1-2)	147.199,31

4 Atividades de Investimentos		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	67.000,00
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	0,00
Total R\$		67.000,00

4.2 Intangível		
4.2.1	Programas de Computador	2.254,58
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
Total R\$		2.254,58

4.3 Aplicações Financeiras		
4.3.1	Aplicação CDB	40,0
Total R\$		40,00

Total Geral dos Investimentos R\$	69.294,58
5 Resultado Geral do exercício 03.2019 (3-4)	77.904,73

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.



CARTAS DOS LEITORES

Críticas, sugestões de pauta e comentários >>> jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

Ousadia para juntar Margaridas e Samambaias

Luciene Dias

Por soberania e democracia, a Marcha das Margaridas articula mulheres trabalhadoras do campo, da floresta e das águas. Nos dias 13 e 14 de agosto deste ano, com o lema “na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência”, mais uma vez Brasília estará ousadamente florida para a sexta edição da Marcha. São elas que nos inspiram para o projeto “Entre Margaridas e Samambaias”, que tem o objetivo de inserir a UFG nesta pauta.

Enquanto docentes, queremos somar nesta estratégia para conquistar cidadania, reconhecimento social e político, com foco na educação. A nossa construção converge com a proposta das Margaridas e está realizando formação, debates, ações políticas e mobilização a partir de nossos lugares. Por isso, nosso projeto “Entre Margaridas e Samambaias” luta pela terra e pela educação.

A Marcha constrói-se a partir de 10 grandes eixos. Nos chama a atenção o eixo 7, focado em “uma educação não-sexista e antirracista e pelo direito à educação do campo”. Pela proposta, “a educação tem um importante potencial de transformação da sociedade, capaz de construir relações sociais igualitárias e não preconceituosas”, mas o atual cenário de “retrocesso, ódio e conservadorismo” é uma grave ameaça.

A Marcha é iluminada por Margarida Maria Alves, trabalhadora rural que ocupou, por 12 anos, a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Em 12 de agosto de 1983, aos 40 anos, Margarida foi brutalmente assassinada. Desde então, ela espalhou-se como semente e seu nome hoje é símbolo nacional de força e coragem para mulheres e homens do campo, da floresta e das águas.

Coordenada pela Contag, que tem mais de 4 mil sindicatos filiados em todo o Brasil, a Marcha das Margaridas quer fortalecer a agroecologia familiar, popular e feminista. A ousadia, força e criatividade destas mulheres está nos afetando e, por isso, marcharemos pelo “querer das Margaridas”.



SINDICATO



19ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Diretor Presidente

Walmirton Tadeu D' Alessandro
Diretor Vice-Presidente
e de Comunicação

Veridiana Maria Brianezi D. de Moura
Diretora-Secretária

Daniel Christino
Diretor de Promoções Sociais,
Culturais e Científicas

João Batista de Deus
Diretor Administrativo

Geovana Reis
Diretora de Assuntos Educacionais,
de Carreira e do Magistério Superior

Thyago Carvalho Marques
Diretor Financeiro

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora de Convênios e de
Assuntos Jurídicos

Abraão Garcia Gomes
Diretor de Assuntos de
Aposentadoria e Pensão

Luis Antônio Serrão Contim
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VII - Nº 58

JULHO de 2019

Professor Juarez Ferraz de Maia
Idealizador do projeto

Cleomar Nogueira
Projeto gráfico original

Monique Arruda (JP 2290 GO)
Editor responsável

José Abrão (JP 3331 GO)
Edição e reportagem

Luciana Porto (JP 3175 GO)
Reportagem

Guilherme Fernandes
Jean Souza
Pedro Bernardes
Estagiários

Diagramação: Thamires Vieira

Data de fechamento: 02/07/2019

Tiragem: 3.000 exemplares

Impressão: Stylo Gráfica

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

Acompanhe nossas redes sociais:
@adufgsindicato

www.adufg.org.br



Emiliano Godoi*

Programa UFG Sustentável

A busca por uma sociedade mais equilibrada, justa e com menos impactos ambientais é um dos grandes desafios do século XXI. Sinais de esgotamento dos recursos naturais são cada vez mais visíveis. Impactos ambientais não fazem distinção de raça, cor ou espécie, além de não respeitarem limites geográficos. Refugiados ambientais são cada vez mais frequentes, trazendo evidências de que os processos de degradação não podem ser considerados unicamente como preocupação ambiental mas, também, humanitária e de desenvolvimento humano.

No Brasil, a gestão ambiental pública é regida pela Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), estabelecida pela Lei 6.938/81, cujo objetivo é preservar, melhorar e recuperar a qualidade ambiental através do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA). A partir desta política foi instituído que em Estados e Municípios, as Secretarias de Meio Ambiente são órgãos coordenadores e os Conselhos são órgãos consultivos e deliberativos. Nesse contexto, ressalta-se o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) como elemento de transformação social, não só pela geração e difusão de conhecimento, mas pela formação de um novo cidadão e na transição para estilos de vida sustentáveis.

Na Declaração de Talloires, em outubro 1990, reitores e vice-reitores de universidades de várias regiões do mundo tornaram público seu interesse sobre a escala e a velocidade sem precedentes da poluição e da degradação ambiental. Essa declaração constatou ser fundamental dirigir ações urgentes a estes problemas para reverter as tendências atuais.

Basicamente, as IES possuem duas formas de atuação: a primeira, colocando a questão educacional como uma prática fundamental para que as IES, possam contribuir na qualificação e no futuro profissional de seus discentes, e a segunda, com a implementação de Sistemas de Gestão Ambiental em seus campi universitários, como modelos e exemplos práticos de gestão sustentável para a sociedade.

Assim, com base na instrução normativa nº 10 de 12 de novembro de 2012 do Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão (MPoG), a Universidade Federal de Goiás (UFG) elaborou em 2013 seu Plano de Gestão de Logística Sustentável (PLS) contendo objetivos, ações, metas, prazos de execução e mecanismos de monitoramento e avaliação. O PLS estabeleceu ainda a Política Ambiental da UFG, que diz: “a Universidade Federal de Goiás, ciente de sua responsabilidade de formar profissionais e indivíduos capazes de promover a transformação e o desenvolvimento da sociedade, assume o compromisso de gerenciar seus impactos sobre o meio ambiente, preservando os recursos naturais e prevenindo os danos ambientais causados por suas atividades, através da implantação de processos que busquem a melhoria contínua de seus indicadores ambientais, bem como, o atendimento à legislação e demais normas vigentes”.

Em 05 de junho de 2018, esse Plano foi reformulado dando origem ao Programa UFG Sustentável. A metodologia adotada na elaboração deste Programa segue as diretrizes

do PdCa (Plan, Do, Check e Act). Tal processo implica no planejamento (neste caso, o próprio Programa); seguido da execução (já definido nos planos de ação com a respectiva área/pessoa responsável); depois, da etapa de verificação dos resultados; e, por fim, realiza-se a confirmação para identificar as ações de correção e possíveis erros. Esse processo, portanto, implica em melhoria continuada, que considera os resultados alcançados, ou não, e as novas demandas da sustentabilidade na UFG.

O Programa UFG Sustentável foi estruturado sobre sete eixos temáticos: I – Educação Ambiental; II – Ambientes Construídos; III – Energia Elétrica; IV – Materiais de Consumo; V – Gestão de Resíduos; VI – Qualidade de Vida no Trabalho; e VII - Mobilidade. Os eixos foram compostos por representantes das unidades acadêmicas e órgãos administrativos. Cada eixo ficou responsável por identificar os pontos críticos dentro de cada temática e propor ações para tornar a universidade mais consciente e sustentável.

Dentre as ações implementadas podem ser destacadas a adesão da UFG a Rede ODS Universidades, que estabelece compromissos sociais, ambientais e econômicos a serem cumpridos por academia, governos, setor privado e sociedade civil até 2030. Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável são promovidos no setor acadêmico, para colaborar com políticas que promovam a erradicação da pobreza, o crescimento econômico e a sustentabilidade do planeta. Outra ação de extrema importância foi a implantação de placas fotovoltaicas na Biblioteca Central Professor Alpheu da Veiga Jardim, no Centro de Eventos UFG, na Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) e no Centro de Aulas da Escola de Engenharia, bem como a substituição de 25 mil lâmpadas comuns por luzes de diodo emissor de luz o equivalente ao termo em inglês Light Emitting Diode (LED). Tais medidas possibilitarão a geração de 900 quilowatts pico (kWp) de

energia, o equivalente a aproximadamente 10% do consumo da Universidade.

Neste momento, encontram-se abertas as inscrições para o prêmio UFG Sustentável, que tem por objetivo prestigiar atividades de sustentabilidade que se destacaram por suas características inovadoras de proteção, conservação, recuperação e cuidado com o uso racional dos recursos naturais. Podem participar todas as pessoas que possuam vínculo com a UFG (discentes, servidores técnicos e docentes).

Com isso, a UFG incorpora em seu planejamento estratégico a busca pela sustentabilidade e assume o desafio de trazer ao seu dia a dia práticas que possam ser aplicadas não apenas em suas dependências, mas que, também, serão replicadas por toda a sociedade. Sustentabilidade, a UFG se importa!

**Emiliano Godoi é coordenador do UFG Sustentável, professor da Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA) e diretor geral de extensão da UFG.*

“ a UFG incorpora em seu planejamento estratégico a busca pela sustentabilidade e assume o desafio de trazer ao seu dia a dia práticas que possam ser replicadas por toda a sociedade. ”



Luiz Carlos
Pereira da Silva *

Energia e Sustentabilidade

Nasci e cresci em Guaraí no Estado do Tocantins, em 1971, quando a região fazia parte do norte do Estado de Goiás. Equidistante de dois grandes rios, Tocantins e Araguaia, a área era cortada por inúmeros rios menores e dividida entre pequenas propriedades rurais. O contato com a natureza era intenso através da pesca e convivência rotineira com aves e outros animais, pois estávamos sempre embrenhados no mato. O próprio nome da cidade é uma referência ao lobo guará, e lembro bem de um dia em que uma enorme anta perdida invadiu a cidade provocando grande correria na praça da matriz. Não tínhamos acesso à eletricidade, e eram enormes as dificuldades para realizar tarefas durante a noite à luz de lâmparas de querosene.

Para ler um livro, para conservar alimentos, para a realização de atividades sociais noturnas, tudo era cercado de grandes desafios. A luz elétrica foi inaugurada na cidade já na década de 80, através de uma longa linha de transmissão que trazia energia do outro extremo do Estado de Goiás, da Usina de Cachoeira Dourada. Foi uma grande mudança para a região apesar da baixa qualidade da energia recebida. Nossas lâmpadas incandescentes quase sempre produziam uma luz avermelhada e não branca devido à enorme queda de tensão em todo o trajeto da linha de transmissão. A chegada da energia possibilitou, por exemplo, a criação de classes no período noturno facilitando o acesso à escola para jovens que também precisavam trabalhar durante o dia, o que era o meu caso. Permitiu que assistíssemos nossa primeira Copa do Mundo, em 1982, infelizmente com grande sofrimento para toda a nação.

Quase cinquenta anos depois a região sofreu grande transformação. Os grandes rios foram represados em vários pontos. Muitos dos pequenos rios desapareceram. As pequenas propriedades rurais deram lugar a latifúndios produtores de soja e carne. Aves, animais, matas, peixes não são mais abundantes na região. Hoje quase a totalidade da população brasileira tem acesso a eletricidade, melhorou o acesso a escolas, universidades, hospitais, etc. Por outro lado, as grandes cidades estão inchadas, o desemprego é crescente, e o estilo de vida moderno está claramente em rota de colisão com a sustentabilidade da vida humana no planeta.

Para tentar recolocar o mundo em uma rota sustentável, em 2015 a ONU lançou, apoiada por mais de 150 países, uma agenda para 2030, definindo metas e objetivos para o desenvolvimento sustentável, de forma a viabilizar a erradicação da pobreza protegendo o planeta e permitindo que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade. Curiosamente, entre os 17 objetivos da agenda 2030 (ODSs) ainda está a Energia. De fato, a ONU coloca a energia como um objetivo central, pois a energia é viabilizadora do bom acesso à educação, saúde, água, saneamento, etc. Três aspectos contribuem para a centralidade da energia. O primeiro deles é que um bilhão de pessoas no mundo ainda vive sem acesso a eletricidade, principalmente na África. Portanto, enfrentando as dificuldades experimentadas em Guaraí na distante década de 70. O segundo aspecto está associado à matriz elétrica mundial, altamente dependente de combustíveis fósseis (carvão, óleo e gás). Portanto, com muito impacto na emissão de gases de efeito estufa e no aquecimento global. E o terceiro aspecto se deve à enorme desigualdade na distribuição de energia per capita entre as várias regiões do mundo, com gigantesco desperdício de energia em alguns países enquanto muitos outros têm grande parcela da população ainda

sem acesso à eletricidade. Com isso, as três principais metas no tema da energia são viabilizar a universalização do acesso no planeta, induzir a migração da matriz energética para energias renováveis e engajar as populações dos países mais desenvolvidos com os temas de eficiência energética e conservação de energia.

As metas do sétimo objetivo representam um enorme desafio para os países e para a sociedade, uma vez que demandam mudanças em hábitos de consumo já consolidados nos grandes centros urbanos. Aqui, as universidades podem desempenhar um grande papel, mostrando caminhos possíveis e desenvolvendo modelos que possam ser replicados nas cidades e expandidos para as nações. Essa foi a motivação principal para a implantação do projeto Campus Sustentável na Unicamp. A Unicamp é a melhor universidade da América Latina. Serve como modelo de ensino e pesquisa para outras universidades na região, definindo diretrizes e padrões para universidades no Brasil e nos países vizinhos. O projeto Campus Sustentável assume essa enorme responsabilidade e pretende desenvolver na Unicamp um modelo de campus sustentável para a América Latina e Caribe. As universidades são, em grande parte, responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento e de novas tecnologias. As universidades têm a obrigação de implementar essas novas soluções em seus próprios campi. Não é admissível ter um discurso diferente da prática na universidade. Não é aceitável aqui acolher a máxima “casa de ferreiro e espeto de pau”. A universidade tem a obrigação de mostrar novos caminhos para a sociedade. Esse argumento é a base do projeto campus sustentável da Unicamp, onde estamos tentando demonstrar que é possível ter melhor relação com a eletricidade sob todos os ângulos possíveis.

E onde Guaraí entra nessa história? E a UFG? E os rios Araguaia e Tocantins? A resposta é que essa vivência criou em mim essa relação especial com a energia. Tendo experimentado a vida sem acesso à eletricidade, tendo aprendido a nadar em rios correntes e não em lagoas e piscinas, tendo tido a experiência genuína com a natureza, tudo isso moldou minha trajetória profissional e minhas escolhas. Saindo de Guaraí estudei Engenharia Elétrica na UFG, onde já optei pela ênfase em energia. Depois de formado fui para a Unicamp onde cursei mestrado e doutorado estudando redes de transmissão de energia. Durante o doutorado estudei no Canadá diversos cenários inovadores para o setor elétrico mundial. Em um período como professor visitante na Dinamarca iniciei estudos no tema de geração de energia renovável. Foi toda essa bagagem que resultou no projeto Campus Sustentável que estamos implantando hoje na Unicamp em parceria com a CPFL e em resposta ao edital 001.2016 de P&D e PEE da ANEEL. O objetivo principal é transformar a Unicamp na universidade mais sustentável da América Latina, e mostrar, usando nosso campus como laboratório vivo, que é possível sim atingir as metas da agenda 2030 da ONU, ou pelo menos garantir movimento significativo nessa direção.

*Luiz Carlos Pereira da Silva é professor da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da UNICAMP e coordenador do projeto campus sustentável. É Ex-aluno da UFG, onde cursou Engenharia Elétrica. Concluiu mestrado e doutorado na Unicamp, com passagens pela Universidade de Alberta no Canadá e Universidade Técnica da Dinamarca. É bolsista de produtividade 1C do CNPq. Recebeu o prêmio de reconhecimento Zeferino Vaz da Unicamp em 2012.

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

Desconfiança

Matéria publicada pelo O Globo alerta que pelo menos um terço dos brasileiros desconfia da ciência. Segundo dados da pesquisa global 'Wellcome Global Monitor 2018', da Gallup, no Brasil, 35% dizem desconfiar da ciência e 23% acreditam que a produção científica não beneficia a sociedade.

Religião

A maior parte dos brasileiros prefere se alinhar aos dogmas religiosos. Quase metade dos brasileiros afirmaram que "a ciência discorda da minha religião" e, desses, 75% disseram que "quando ciência e religião discordam, escolho a religião". Apenas 13% dos brasileiros entrevistados afirmaram ter "muita confiança" na produção científica. Entre os 144 países que entraram no ranking, o Brasil ficou na 111ª posição.

Mundo

No mundo, os dados foram um pouco melhores: 72% das pessoas em todo o mundo acreditam nos cientistas; 57% da população mundial não acham que sabe muito sobre ciência; 79% das pessoas concordam que as vacinas são seguras e 84% concordam que são eficazes.

Queda

O Brasil perdeu o primeiro lugar no ranking Times Higher Education (THE) para a América Latina. Com a Unicamp ocupando o posto nos últimos anos, a primeira posição agora ficou com a PUC do Chile. Segundo reportagem do Estadão, a perda do primeiro lugar já é reflexo dos cortes e reduções nas instituições públicas de ensino superior desde 2016, com o governo Temer, que teriam afetado diretamente os investimentos em pesquisa.

Brasil

A Unicamp na verdade agora está em terceiro. Já a USP permaneceu em segundo lugar. Nas 10 primeiras posições ainda figuram as brasileiras PUC-Rio em quarto lugar, Unifesp em sexto lugar, UFMG em oitavo e Unesp em décimo. No total, 52 instituições brasileiras apareceram no ranking de 150 instituições.

Tríplice

O presidente Jair Bolsonaro rompeu a tradição e escolheu o segundo colocado da tríplice lista da eleição para reitor da UFTM. Desde o primeiro governo Lula era a prática respeitar a escolha da comunidade universitária e nomeando o primeiro colocado. Bolsonaro nomeou o professor Luiz Fernando Resende dos Santos Anjos ao invés do professor Fábio Cesar da Fonseca que teve 31 votos no colégio eleitoral, contra 24 de Anjos.

Política

A motivação política aparenta estar por trás da escolha: Fonseca foi do PT até 2005 e depois do PSOL até julho de 2018. Em nota, Fonseca acusou a nomeação de ser uma "afronta à autonomia universitária, à democracia e à história das universidades federais brasileiras" e que a nomeação gera consigo uma crise e instabilidade institucional na universidade.

Outros Casos

Além da UFTM, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no Mato Grosso do Sul, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, designou a pedagoga Mirlene Ferreira Macedo Damázio como reitora em caráter temporário, e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), foi

encaminhado e aprovado pelo colégio um nome que não foi a voto popular.

Sete vezes

A diferença no investimento por aluno chega a ser sete vezes menor entre cidades brasileiras segundo os dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019. Segundo o relatório, o município com maior investimento por aluno fica no Rio Grande do Sul e investiu cerca de R\$ 19,5 mil para cada estudante. Por outro lado, uma cidade maranhense teve o menor investimento: apenas R\$ 2.900 para cada estudante.

Repeteco

A mesma coisa acontece no Estado de São Paulo que recebe a maior média anual de recursos por aluno, com R\$ 6.500 investidos, enquanto o Maranhão investiu quase metade, apenas R\$ 3.500 por aluno. A distribuição de recursos para as redes de ensino da educação básica de todo o País acontece hoje por meio do Fundeb, fundo que reúne impostos de Estados e municípios.

Fundeb

Com previsão para acabar em 2020, especialistas e movimentos pela Educação começam a pressionar o governo pela renovação do fundo ou pela sua substituição por um fundo mais eficiente e com nova agenda de objetivos.

MINISTROS

Os ex-ministros da Ciência fizeram um pacto contra o governo. Eles lançaram um manifesto assinado que constata: "vivemos hoje a maior provação da nossa história". O manifesto reúne a maior parte dos ex-ministros dos últimos 30 anos e foi lançado no Instituto de Engenharia da UFRJ. Alertam: "agravam-se os cortes orçamentários drásticos que poderão levar a um retrocesso sem paralelo na história da ciência brasileira, área essencial e crítica, tanto ao desenvolvimento econômico e social quanto à soberania nacional" e destacam as conquistas realizadas pelo amadurecimento e investimento na tecnologia nacional na década passada, principalmente as com grande impacto econômico envolvendo o petróleo em águas profundas e o agronegócio.

Inviável

Em editorial publicado pelo Estadão, o Todos Pela Educação argumenta que o fim do Fundeb inviabiliza o Plano Nacional de Educação. "Boa parte das metas depende da garantia de acesso, qualidade e equidade na Educação Básica, caminho que seria obstruído com a ausência das regras redistributivas do Fundeb. Muitas das estratégias previstas no plano seriam inviabilizadas", afirmam.

PNE

O próprio plano tem até 2024 para cumprir uma série de metas que ainda não estão sequer próximas de serem atingidas. Lançado em 2014, ele traz 20 metas para a década, entre elas erradicar o analfabetismo e a universalização plena do acesso à educação básica. Delas, apenas quatro foram parcialmente cumpridas contra 16 ainda intocadas.

Discrepância

As turbulências políticas no Brasil trouxeram discrepâncias entre o que é feito e o que estava previsto. A meta 1, por exemplo, prevê 50% das crianças de até três anos matriculadas na educação infantil, porém o dado mais recente, de 2017, mostra percentual de 34,1%. Outro exemplo é da meta 20 que prevê 10% do PIB investido em Educação pública. Em 2019, o país deveria alcançar pelo menos 7%, mas ainda se luta por 5%.

Estagnação

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a educação pública no Brasil voltou a níveis de estagnação, principalmente na esfera da educação básica. Segundo matéria d'O Globo, especialistas afirmam que a falta de políticas públicas – e à adesão e execução delas – são o principal obstáculo para se estabelecer uma linha previsível de crescimento real.

Evasão

O principal problema apontado em todas as esferas é a evasão. Muitos dos estudantes precisam trabalhar para complementar a renda familiar, o que tira muitos jovens da escola muito cedo e impede que alunos regressos permaneçam estudando. Atualmente, 40% da população acima de 25 anos não concluiu o Ensino Fundamental.

Dinossauro

Pesquisadoras da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da USP encontraram o *Verspersaurus paranaense*, um dinossauro pequeno, com 80 cm de altura e 1,5 m de comprimento, com dieta carnívora. Ele caminhou pelo Paraná há 90 milhões de anos. A descoberta foi publicada na revista Scientific Report. Participaram da pesquisa 10 pesquisadores.



Foto: José Abirão/Pedro Bernardes



Detalhes e registros da manifestação do dia 14 de junho, que levou milhares de pessoas para a Praça Cívica em defesa da Educação e contra a Reforma da Previdência

Arraiá do Adufg bate recorde de público

Evento já tradicional entre os docentes superou expectativas dos convidados com apresentações culturais e cardápio típico

Eita, que o trem foi bão demais! O tradicional Arraiá do Adufg-Sindicato, que aconteceu no dia 28 de junho, reuniu mais de 700 pessoas no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde da entidade.

O evento foi além em público ao do ano passado e contou ainda com o diferencial das apresentações culturais que exaltaram a cultura caipira, com a participação do grupo de catira Filhos de

Aparecida e a cantora Grace Venturini e banda. As comidas típicas também tiveram seu destaque na festa, caldos, milho cozido, pipoca, canjica, maçã do amor, chica doida, quentão e – como já

é de costume nos Quintarts – o churrasco. Para a criançada, as brincadeiras deram um toque especial, o touro mecânico, rabo de burro e a árvore surpresa divertiram os mini convidados.



Fotos: Guilherme SF/ Jean Souza / Pedro Bernardes



Iniciativa inédita arrecada recursos para a Escola de Engenharia

Associação formada por docentes e ex-alunos da UFG desenvolveu um fundo patrimonial, rendimento irá fomentar projetos e melhorar a infraestrutura da unidade



Foto: Monique Arruda

Assembleia de fundação aconteceu em maio e reuniu membros do Conselho, no auditório Biolkino Pereira da Escola de Engenharia

Luciana Porto

De um lado a ameaça do governo Federal em realizar cortes no orçamento de todas as universidades públicas do País e o cancelamento da concessão de bolsas de mestrado e doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Do outro, um projeto inovador que propõe a arrecadação de recursos para desenvolvimento de ações importantes na formação dos estudantes universitários e toda comunidade acadêmica. Na contramão do atual cenário político brasileiro, uma iniciativa da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás (UFG) resultou na criação do Fundo Patrimonial Amigos do Brasil Central, projeto que arrecada verba para desenvolvimento de ações importantes dentro da instituição.

O Fundo Patrimonial Amigos do Brasil Central foi inspirado em renomadas instituições norte-americanas de ensino, como Yale e Harvard, que possuem um recurso orçamentário reservado para disponibilização de bolsas para alunos que não têm condições de pagarem pela universidade. Mas, como no Brasil as melhores instituições são públicas, a iniciativa terá como foco a realização de cursos, aquisição de materiais, construções e reformas de laboratório de pesquisas, entre outras ativi-

dades dentro da Escola de Engenharia.

Graduado em 2012 pela Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e de Computação (EMC), Lucas Ribeiro é um dos membros fundadores da Associação Amigos do Brasil Central. Ele conta que ao se mudar para São Paulo teve a oportunidade de conhecer uma iniciativa semelhante realizada pela Universidade de São Paulo (USP), e sugeriu a outros colegas ex-alunos e professores para desenvolver também na UFG. "Eu sempre fui muito engajado com as questões da universidade, participei do Centro Acadêmico, e por isso tenho um pouco de conhecimento sobre a situação financeira da universidade. Tudo o que a UFG hoje produz é incrível, desenvolvemos pesquisas e tecnologia que mudam a vida das pessoas, mas sabemos que sem mais recursos e investimentos, infelizmente, não vamos conseguir transformá-la em algo maior ainda, num centro de excelência de estrutura com condições de trabalho", pontua.

O fundo patrimonial, também conhecido pelo termo em inglês "Endowment", é criado a partir de doações de pessoas físicas e jurídicas. De acordo com Thyago Marques, que é professor da EMC, conselheiro do fundo e diretor Financeiro do Adufg-Sindicato, há característica de perenidade, ou seja, infinito. Isso porque será utilizado apenas o rendimento deste fundo, não comprometendo a aplicação do dinheiro, dessa forma, com isso o fundo estará sempre em expansão. "Essa ideia é muito madura nas univer-

sidades norte-americanas. Na Universidade de Harvard, por exemplo, 35% dos recursos dela vêm dos fundos de Endowment. Só em doações, eles arrecadaram em 2018 quase o orçamento total da USP para 2019. Então, dá para gente ter uma noção do quanto esse tipo de projeto impacta nas instituições de primeiro mundo", argumenta o docente.

Segundo Ribeiro, duas frentes poderão ser beneficiadas com o capital do fundo patrimonial, a primeira delas é o incentivo em projetos dos discentes e o complemento escolar. O engenheiro explica que muitos alunos desenvolvem ações importantes dentro da universidade e que, na maioria das vezes, não conseguem avançar por falta de recursos. Neste caso, haverá um edital para quem deseja pleitear uma verba junto ao fundo. A segunda iniciativa para qual o capital estará aberto é a infraestrutura da escola, muitas vezes precária e com escassez de equipamentos laboratoriais importantes. "É fundamental frisar que não atuamos no custeio da universidade, este fundo não está sob autonomia da UFG. Ele é destinado apenas às Engenharias que se localizam no Campus do Universitário e a gestão dele é feita pela Associação", disse.

Interação

Outro ponto positivo da Amigos do Brasil Central é a formação de

uma rede entre a comunidade acadêmica e o mercado de trabalho. Marques lamenta que a cultura do empresário brasileiro não é a de se investir nas universidades, e o projeto pode abrir novas possibilidades e aproximar mais essa relação. "É comum em outros países grandes empresários doarem milhares de dólares para as universidades, principalmente porque elas desenvolvem tecnologia e geram bons frutos para a sociedade. Acredito também que a nossa iniciativa veio à calhar com o atual cenário de cortes que estamos vivendo", completa.

Sem incentivo

No início deste ano, o presidente Jair Bolsonaro sancionou norma que regulamenta os fundos patrimoniais vetando, entre outros pontos, os incentivos fiscais a doadores – o que pode comprometer o projeto já que não haverá contrapartida para quem doar. Em entrevista à Folha de São Paulo, em janeiro, Fernando Peregrino, presidente do Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa Científica e Tecnológica (Confies) classificou como lamentável a decisão do governo federal. "Esses incentivos são imprescindíveis para poder atrair o mercado privado. Nos Estados Unidos e na Europa, eles são vistos como uma alavanca, e não como um desperdício."

Quem é o professor da UFG?

Pesquisa conduzida pelo Adufg-Sindicato junto ao Instituto de Matemática e Estatística (IME) mostra um pouco mais quem são os docentes da instituição



Fotos: José Abrão



Os professores conduziram a pesquisa ao longo de 2018

Edward Madureira durante a divulgação dos dados sobre os alunos

José Abrão

No ano passado, os professores Mario Ernesto Diaz e David da Matta, do Instituto de Matemática e Estatística (IME) conduziram um longo estudo com os professores da ativa, aposentados e não-filiados. A intenção era saber se e como os docentes conhecem e avaliam o Adufg-Sindicato. A pesquisa foi feita via amostragem e realizada em todos os campi da UFG de forma representativa em um processo aleatório. As entrevistas foram conduzidas pessoalmente por alunos da universidade vinculados ao projeto de laboratório, pesquisa e extensão e foi realizado com o apoio da FIC. No geral, bons resultados: “o sindicato é conhecido e bem avaliado”, resume Mario.

Mas o fator mais interessante da pesquisa foi jogar uma luz sobre quem são os professores da UFG hoje,

a partir do conhecimento e dos usos que eles fazem do Sindicato. Por exemplo, o plano de saúde é o serviço mais conhecido do Sindicato pelos professores, porém muitos outros serviços de saúde ofertados pelo sindicato não são conhecidos, como o de pagamento de medicamentos de câncer e de instrumentação cirúrgica. “A maior parte dos professores são jovens e não usam esses recursos, é algo que vai ser mais conhecido e usado pelos aposentados”, conta Mario. Outro exemplo é que a assistência jurídica é bem conhecida e usada por professores ativos e aposentados, já o empréstimo pessoal é muito menos conhecido e quase não é usado. “Às vezes o pessoal tem crédito consignado no banco sendo que podiam pegar empréstimo no Adufg com juro muito mais baixo”, comenta Mario.

Sob o aspecto cultural, a agenda do Adufg é conhecida e bem frequentada pelos professores, mas há diferenças. O coral Vozes, o grupo Travessia, as aulas de pintura e bordado: são áreas dominadas pelos aposentados que conhecem e frequentam as atividades com muito vigor. Já os professores mais jovens e da ativa preferem o Quintart: eles representam a maior parte dos frequentadores do evento mensal do Adufg. Segundo Mario e David, o professor da ativa prefere atividades sociais que sejam mais familiares e fora do horário de trabalho, daí a preferência pelo Quintart, que ocorre uma vez por mês, à noite, e que é um programa em que toda a família pode participar.

A Sede Campestre é bastante conhecida e pouco utilizada, tanto por ativos quanto aposentados, porém:

“hoje em dia, poucas pessoas utilizam clube. No geral, apenas 20% dos sócios de um clube realmente usam. Estamos em 29%, então nossos sindicalizados utilizam a Sede Campestre acima da média dos clubes”, esclarece David.

Nos serviços do Espaço Saúde, existem dois favoritos: tanto pilates quanto RPG são os mais conhecidos e, conseqüentemente, os mais procurados ao ponto de que as vagas para o pilates já estão disputadas, tendo a necessidade de se abrir mais horários. “Há muita procura, mas muitas vezes chocam com a disponibilidade dos professores e com horários vagos. Os horários estão cheios. Muitos professores dão aula de manhã e de tarde. Há uma demanda muito alta”, explica David. Ele avalia que os professores se veem apoiados

pelo Sindicato e que a agenda cultural é bem recebida, com um poder de agregação grande em suas atividades.

Todos os serviços foram avaliados: “em termos de avaliação, os serviços estão todos bem aprovados. É preciso deixar claro que a avaliação da utilização só foi feita por quem utilizou nos últimos seis meses. Em linhas gerais todos os serviços estão bem avaliados”, afirma Mario.

Segundo os dados da pesquisa, a média de idade dos ativos é em torno dos 40 anos, são em geral professores casados, com cerca de dois filhos. Eles compõem em grande parte a nova geração de docentes da UFG, formada principalmente de pessoas que entraram no processo de expansão das universidades, como pelo ReUni. Estes professores estão muito envolvidos com aulas, pesquisa e extensão, portanto não têm muito tempo disponível. Sendo assim, eles engajam mais nos eventos sociais e culturais do Adufg e menos nos grupos, como o Vozes. E buscam mais atividades que envolvam os filhos, como aponta Mario: “entre as suas sugestões estão atividades como creche e colônia de férias”.

A maior parte dos professores ativos relatou conhecer as atividades do Sindicato e estar informada sobre as ações que ele toma, porém “a maioria dos professores ativos não vai nas assembleias, não se envolvem politicamente”, aponta Mario, “o motivo pelo qual não fazem isso já seria uma outra pesquisa. A maioria disse que participa raramente ou nunca participou”. A maioria (cerca de 69%) declarou que o Adufg atua de forma democrática junto aos sindicalizados e 64% concordam que o sindicato atende as demandas do professor. Por fim, 77% dos filiados entrevistados disseram que o Adufg lhes representa como entidade de classe.

Quanto às ações da diretoria, 63% dos professores filiados declararam que as decisões da

diretoria são tomadas de forma transparente. Cerca de 83% dos professores da ativa conhecem o atual presidente do sindicato contra 61% dos aposentados. Quanto aos demais diretores, 72% dos professores da ativa conhecem os outros diretores contra 67% dos aposentados. Por fim, 73% dos professores disseram que a gestão do Adufg-Sindicato é boa ou muito boa.

Também houve uma boa avaliação do Proifess-Federação pela maioria dos professores: “essa aprovação pode estar ligada ao papel que o Proifess teve na negociação da reestruturação da carreira, que fez grande diferença”, disse David. Em termos de comunicação, a maior parte dos professores da ativa se informa sobre as atividades do sindicato primeiro por e-mail, seguido pelo Jornal do Professor e depois pelo site. Já os aposentados se informam mais pelo jornal e depois pelo e-mail, também com o site em terceiro lugar. Na pesquisa foi constatado que os professores se engajam pouco com o sindicato pelas redes sociais, mas isto suscitou outra questão: “não sabemos se eles se engajam pouco ou se eles usam pouco”, disse Mario, “queremos realizar outra pesquisa no Campus Samambaia para fazer qual é o hábito de uso das redes sociais pelos professores”.

Não Filiados

Além do perfil e dos hábitos dos professores aposentados e da ativa, a pesquisa entrevistou professores da ativa não-filiados ao Adufg-Sindicato e eles não são muito diferentes de seus colegas. A idade média gira em torno dos 42 anos, maior parte casada e 90% residem no mesmo município em que estão lotados. A maior parte já tem plano de saúde, tem filhos e já trabalharam em outras empresas e em outras instituições de ensino. Muitos, inclusive, frequentam os eventos do Sindicato e utilizam os serviços do Espaço Saúde: “a taxa de utilização é próxima dos filiados, mas eles

preferem pagar pela utilização e permanecer sem se filiar”, conta David, mas o distanciamento afeta um pouco sua informação: “eles utilizam do Espaço Saúde, mas não conhecem a maior parte dos serviços prestados pelo Adufg”, completa.

Eles conhecem o sindicato, mas a maior parte parece não se filiar por realmente não ter interesse de se engajar com a entidade, principalmente porque, assim como os filiados, não querem se envolver com o debate político. Porém, tanto filiados quanto não filiados concordam em um ponto-chave. Perguntados sobre o papel do Adufg, houve uma resposta vencedora: “os professores querem que o professor seja em primeiro lugar, valorizando não apenas a carreira, mas a integridade física e mental do docente”, afirma David.

Alunos

Coincidiu que no final do mês de maio a UFG também divulgou os dados atualizados sobre o perfil socioeconômico dos estudantes de graduação. Os dados foram anunciados pelo reitor Edward Madureira em coletiva de imprensa. “Essa pesquisa tem várias finalidades, inclusive levar para o governo qual é o perfil dos nossos estudantes”, declarou.

A pesquisa foi feita via questionário com 5.089 alunos dos 30.633 estudantes da UFG. Pouco mais de 50% dos alunos são mulheres e 54,98% dos alunos se declararam negros. Além disso, a pesquisa concluiu que a maior parte da população de estudantes da UFG é de baixa renda: 74,8% dos alunos de graduação têm famílias com renda bruta per capita de até um salário mínimo e meio. Famílias com renda per capita de até 5 salários fica em 5%, e até 7 em 1,9%. A maior parte destes alunos são egressos de escola pública: 63,1% dos alunos da UFG fizeram o Ensino Médio inteiro na rede pública. “Sem dúvida os dados mais impactantes da pesquisa são sobre renda. A maior parte dos estu-

dantes são de baixa renda. Isso nos coloca um desafio enorme de como fazer com que esse estudante permaneça e tenha êxito na instituição”, comentou Edward.

Da mesma forma, o estudo traçou o perfil dos alunos nos cursos mais concorridos. No curso de Medicina hoje, por exemplo, estão 30 estudantes cuja renda familiar per capita é de até meio salário mínimo, recebendo bolsa permanência da instituição para se manter no curso. Dos cursos mais concorridos, o que mais têm alunos com bolsa permanência é Agronomia, com 95 alunos bolsistas. Porém, se você amplia o leque para número de alunos que recebem algum tipo de auxílio, os números saltam: na Medicina passa para 447, na Agronomia para 538. “Esse estudante se a gente não cuidar ele, ele evade no primeiro semestre”, disse Edward, “talvez a maior importância dela para nós como gestão é pensar as políticas que a gente adota em assistência estudantil, onde o estudante está mais vulnerável, em que devemos investir mais”.

A pesquisa também elucidou a forma de ingresso na instituição. Em 2018, 58,3% entraram por ampla concorrência e 41,9% por cotas. A maior parte dos alunos possui pais que estudaram apenas até o Ensino Médio (62%). “É uma emoção muito grande participar das colações de grau e constatar isso na emoção das pessoas. A maioria dos estudantes é oriundos de família em que eles são os primeiros a fazer ensino superior e numa instituição pública”, disse Edward. Com baixa renda, a maior parte dos alunos afirmou trancar o curso por motivos de trabalho (mais de 20%) ou afirmaram pensar em largar o curso por dificuldades financeiras (mais de 20%). O reitor destacou que o momento atual de cortes coloca estes alunos em risco. “Os recursos da universidade sendo afetados, os alunos são prejudicados, porque compromete o nosso orçamento para garantir a permanência desses estudantes”, disse.

“Nós temos que defender a inteligência”

Participando de um evento da UFG em Buenos Aires, Lúcia Santaella falou sobre educação e pesquisa

José Abrão

Entre os dias 6 e 9 de maio foi realizado em Buenos Aires, na Argentina, VI Simpósio Internacional de Inovação em Meios Interativos (Siimi), criado e desenvolvido pelo Media Lab da UFG. Esta foi a primeira vez que o evento foi realizado fora de Goiânia, em parceria com a Universidade de Buenos Aires. Nestes três dias esteve presente no simpósio a convidada principal: a pesquisadora Lúcia Santaella.

Com extenso currículo que inclui mais de 50 livros e diversos prêmios, inclusive o Jabuti, ela atualmente é coordenadora da pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais e Coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos (CIMID) e professora titular, tudo na PUC-SP, além de vários outros projetos paralelos. Durante o evento, ela tirou alguns minutos para conversar com o *Jornal do Professor*.

O evento foi interdisciplinar e aproximou a tecnologia de campos diversos do conhecimento, como comunicação, design, arte e psicologia. Em pauta está a constante transformação gerada pelas tecnologias digitais e como isto afeta nossa vida, o cotidiano e principalmente a pesquisa. Mesmo assim, os estudos de Humanidades no meio digital ou tecnológico ainda geram um certo estranhamento. “A gente pensa que a tecnologia não é humana. Isso é um grande erro”, explica a professora, “o ser humano é tecnológico de saída: a fala é um artifício, o aparelho fonador rouba funções da respiração e da deglutição para articular a fala”.

Ela argumenta que, na verdade, a atual tendência natural é a aproximação de todas as áreas do conhecimento. Sendo assim, as supostas fronteiras entre exatas, humanas, biológicas se tornam mais porosas ao se considerar a tecnologia. Por isso, para a professora, há sim bastante



Foto: José Abrão

Santaella participou de evento da UFG realizado em parceria com a Universidade de Buenos Aires, na Argentina

espaço para as artes no estudo da tecnologia. “Em primeiro lugar, vamos ultrapassar esse equívoco, não há separação entre a tecnologia e o humano e conseqüentemente se estudam humanos com ciências humanas, sociais, psicológicas e a arte tem um papel extraordinário porque ela existe para gerar sensibilidade”, afirma.

Mesmo assim, ela lembra que todo este fenômeno é bastante recente: nos idos de

2003, ainda era comum encontrar uma certa resistência em relação às pesquisas e estudos de Humanas sobre tecnologia. “Naquela época as Humanidades pensavam que elas podiam sobreviver no isolamento. Ocorre que o mundo digital penetrou em todas as atividades humanas e o primeiro impacto do mundo digital sobre as Humanidades é na transformação das metodologias utilizadas pelas Humanidades”,

destaca a professora.

Hoje, em campos tradicionais das Humanidades, como sociologia e antropologia, a tecnologia já oferece ferramentas que abriram novas possibilidades de pesquisa que simplesmente não estavam disponíveis 10 anos atrás. “Vamos ter um workshop no curso de pós-graduação que eu coordeno lá na PUC-SP, Tecnologias da Inteligência e Design Digital, novas metodologias para as pessoas que estão fazendo pesquisa empírica que utilizam grande volume de dados. Como tratá-los?”, conta Lúcia, “hoje já existem algoritmos metodológicos para você poder trabalhar com isso sendo que cinco anos atrás você não conseguia nem imaginar como você ia tratar as tags que você colocava no Twitter”.

Enquanto o evento acontecia, o MEC anunciou os cortes em todos os setores da Educação, incluindo as bolsas de pós-graduação. Não escapou aos participantes a ironia da medida do Governo Federal impedir que encontros internacionais semelhantes possam ocorrer, insulando a academia brasileira. Comentando sobre estes tempos difíceis, Lúcia ressaltou que a universidade nunca esteve entre as prioridades do governo: para conseguir mudanças, é preciso pressionar, sempre. “A universidade precisa avançar e só avança na medida em que existe a vontade política de que a universidade avance e alcance pelo menos a rabeira das universidades de primeiro mundo”.

Para ela, este é de fato o momento de agir e de se posicionar. É importante mostrar o que a universidade faz e para que serve: “se movimentar, não se pode calar diante de uma coisa dessas. Nós temos que defender a inteligência humana no nosso território. Fato: a maneira de defender a inteligência é não impedir que ela continue crescendo! E ela cresce através da pesquisa, da investigação, da ciência e da arte, do conhecimento”.

Como falar de ciência?

José Abrão

Na atual conjuntura política em que professores estão sendo acusados de doutrinadores, leis ambientais estão sendo enfraquecidas e recursos da Educação estão sendo cortados, a ciência parece ser alvo de ataques por todos os lados. Ao mesmo tempo, teorias da conspiração e abertamente anti-científicas – como da Terra plana – se espalham. Ironicamente, inclusive, já que esta desinformação geralmente se propaga através da internet usando telefones inteligentes, provavelmente duas das maiores revoluções tecnológicas dos últimos anos a chegar nas mãos do cidadão comum. A questão que fica é: como fazer as pessoas entenderem a importância da ciência se a ciência já está em tudo o que a gente faz?

“A gente está em uma civilização tecnológica, a gente está rodeado por ciência o tempo todo e é como se as pessoas não percebessem”, comenta o professor José Alexandre Felizola, um dos principais pesquisadores da UFG e que foi pró-reitor de pós-graduação entre 2014 e 2017. Esta estranha situação foi tema da palestra que o professor realizou na abertura da VI Reunião Brasileira de Citogenética e Citogenômica com o tema Ciência: patrimônio da humanidade.

“As pessoas simplesmente não têm consciência do que está acontecendo”, afirma, “elas vivem como se todas as coisas ao redor delas fossem naturais. É como se elas achassem que a tecnologia ao redor delas sempre existiu”. O professor chama atenção para o fato de quanto a ciência está ao redor de forma literal: as pessoas podem estar dentro de um prédio sem perceber que nada daquilo – o chão, as paredes, a decoração, o elevador – é natural: foi tudo feito por seres humanos e resultado de pesquisas que continuam melhorando cada uma dessas coisas.

Para ele o problema não é a quantidade de informação, mas talvez como a divulgamos. “Ficamos dando informação para as pessoas e na realidade acho que elas não estão preparadas para receber, porque o que adianta eu colocar mais informação se elas

José Alexandre Felizola acredita que não é uma questão de informação, mas de comunicação.



Foto: José Abrão

Felizola defende que precisamos mudar a nossa comunicação

não estão enxergando? O que eu tenho que fazer ela perceber é que as coisas que ela está acostumada a ver não existiam há pouco tempo e que o modo de vida das pessoas era outro”, defende.

O professor também vê como barreira o crescimento da chamada pós-verdade: fenômeno ligado à propagação de fake news, teoria da conspiração e mesmo fundamentalismo religioso em que as pessoas só tomam como verdade aquilo em que elas acreditam; se a verdade é inconveniente, ela é descartada. “Os temas científicos menos compreendidos ou menos aceitos pela sociedade são os que vão entrar em conflito com visões religiosas. Problemas de mudança climática, do negacionismo, apesar da posição do governo, as pessoas têm uma consciência sobre isso”, explica, “mas a questão de evolução não: você já continua com uma porcentagem de pessoas que não aceitam a evolução e isso é ciência do século XIX! Não é falta de percepção, mas de

visões contrastantes”.

Portanto, é fundamental enxergar os pontos de contenda de vários ângulos como por exemplo a mudança do perfil religioso no Brasil: “a partir do momento que você tem fundamentalismo religioso crescendo no Brasil, uma coisa que não existia 10, 15 anos atrás. Temos que aprender a lidar com isso”. Perguntado sobre o engajamento político do meio acadêmico hoje, crescente frente aos ataques mas relativamente dormente na última década, Felizola diz que “é uma questão natural e de fases. Talvez 20 anos atrás eu não tivesse essa percepção que eu tenho hoje da necessidade desses engajamentos. O mundo científico é muito competitivo e um cientista mais jovem no início de carreira vai estar tão focado nos seus trabalhos que acha que muitas dessas coisas são perda de tempo”. Ele comenta que há um movimento no próprio CNPq e em outras agências de fomento insistindo para sair um pouco da academia, mostrar pra sociedade

o que a academia faz até como uma forma de autopreservação.

“Cientistas, especialmente mais jovens, acabam não gastando tanta energia com outras coisas fora da sua pesquisa, são muito focadas. Por um lado, é bacana porque elas se tornam produtivas, mas perdem por outro lado”, comenta, pensando que os veteranos devam se engajar mais, “talvez isso caiba mais a quem está mais consolidado na carreira, então nesse sentido a gente pode fazer melhor esse papel. Acho que é uma questão de amadurecimento, a gente passa a ter mais necessidade, em momentos de crise, de se engajar e se preocupar com questões maiores”.

Para Felizola o que diferencia este governo dos anteriores é que não é uma questão de verba, mas ideológica: a precarização como um projeto político de Estado. “Eu não consigo ficar confortável, mesmo estando em uma área pouco exposta que é a evolução, sabendo que existem outras áreas do conhecimento sendo perseguidas como a sociologia, filosofia e das ciências humanas no geral. Eu nunca vi essa diferenciação, sou professor de filosofia da ciência”. Para ele, de fato precisamos sair do laboratório, pensar na universidade como um todo e lembrar, principalmente, que a maior parte da população não conhece a universidade. “A gente diz: a UFG publicou no último ano 3.000 artigos. Temos tantos cursos de doutorado. As pessoas não sabem o que isso significa. Precisamos divulgar como a própria instituição funciona. Eu estou estudando isso da seguinte forma, é preciso publicar em revistas científicas de tal jeito, eu inventei isso, como faço uma patente. Temos que explicar melhor o que tem na universidade, as pessoas têm uma ideia muito vaga do que a universidade faz”, resume, “acham que é a mesma coisa da escola de o aluno vem, assiste aula, vai embora e é isso. Temos um governo que não quer investir em Educação, ciência e tecnologia, muito pelo contrário, está adotando posturas anti-científicas, esse é o verdadeiro problema”.



Cizinha: “Eu me sinto extremamente gratificada. Acho que meu legado foi dizer para a comunidade universitária que nós professores aposentados somos cidadãos, geramos sabedoria e temos que ser reconhecidos como tal.”

Foto: José Abrão

“A arte não envelhece”

Professora Cizinha se despede do sarau de aposentados do Adufg e relembra seus anos como coordenadora

José Abrão

Um sarau é uma reunião noturna que, além do convívio social, também promove a arte e a cultura. Geralmente realizado dentro de casa, o sarau reúne pessoas para compartilhar música, dança, poesia e literatura. Era tudo isso que a professora Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray, mais conhecida por seus colegas como Cizinha, tinha em mente quando idealizou o sarau de aposentados do Adufg-Sindicato. Em artigo publicado no *Jornal do Professor* em 2013, ela convoca: “o seu objetivo maior é estimular o convívio social da categoria, criando um momento de puro encantamento, de contemplação do belo, nem sempre percebido no universo do nosso cotidiano”.

É difícil falar da origem do sarau sem falar um pouco da trajetória da própria professora. “Eu entrei e assumi a direção do sistema e bibliotecas durante três mandatos consecutivos e eu construí o prédio novo lá do campus. A docência sempre foi minha paixão, mesmo como diretora do sistema de bibliotecas eu ainda dava aula e sempre ligada à antiga Facomb, hoje FIC. Eu fui a primeira diretora eleita da Facomb”, relembra.

Terminou o mandato,

coincidiu com sua aposentadoria. “Pra uma pessoa que trabalhava dez horas por dia, tu acha que eu ia aguentar ficar aposentada quietinha? Não ia”. Implantou um curso de publicidade e propaganda em Anápolis e foi pró-reitora em uma faculdade particular. Depois disso, integrou a diretoria do Adufg-Sindicato junto com Peter Fischer na diretoria de Assuntos dos Aposentados e Pensionistas.

Então ela decidiu organizar encontros de aposentados, inclusive um nacional, dentro do grupo Travessia. “A nossa filosofia era a gente passar para os outros professores aposentados da UFG que ser aposentado não é ser inativo, inútil, ultrapassado. Não é o final, e sim uma travessia para uma nova fase da vida”, conta, “nós aposentados podemos contribuir como intelectuais, como cidadãos”. Ela disse que teve gente criticando o grupo “eles só reúnem para viajar!”. Daí ela teve a ideia de criar algo para que os professores aposentados pudessem compartilhar os seus talentos. “Então pensei, eu amo e frequento saraus desde quando eu era adolescente. Vamos fazer um sarau! Temos vários professores poetas, artistas. Vamos abrir um leque de ati-

vidades e dar margem para um professor que é poeta ou gosta muito de poesia declamar no sarau, um poema seu, um livro que ele publicou”.

A primeira edição foi um sucesso, com apresentação de Maria Lucy Veiga Jardim Teixeira, a dona Fifia, no piano e com performance de dança da professora Zita Ferreira, que dançou enquanto Cizinha declamava um poema seu. “Foi maravilhoso, foi lindo. Convidamos professores que estavam praticamente no esquecimento para participarem do sarau. Nosso objetivo era congregamos os professores aposentados que fizessem arte e promovessem arte. Fazer arte é uma forma de estar no mundo”, declarou Cizinha.

O evento foi um sucesso e agora, em seu sétimo ano, Cizinha decidiu abdicar: “isso já está virando um monopólio, que democracia é essa? Esse foi o principal e único motivo, não teve outro depois desse”, justifica sua saída

Para ela, o sarau cumpriu sua missão de mudar a imagem que se tem do aposentado: “rompemos com a ideia de que o professor aposentado é inativo, inútil. O preconceito de velhice, eu quis romper. O que é ser velho no século XXI? Quebrar este estereótipo do

velho que nós alimentamos de deixar o seu avô, a sua avó no canto, quietinho”. O sarau deste ano, em sua sétima edição, foi realizado no último dia 26 de junho e foi o primeiro com a professora Dulce Oliveira da Cunha na coordenação. Cizinha conta que foi chamada para a comissão, mas recusou: “senão eu não saio! (risos)”, mas disse que teve um comichão para saber tudo o que era feito, “dá sim, assim como muita vontade que dê certo. Eu vou atuar, mas agora só como poeta”, garante.

Sobre o seu legado, ela diz: “eu me sinto extremamente gratificada. Acho que meu legado foi dizer para a comunidade universitária que nós professores aposentados somos cidadãos, geramos sabedoria e temos que ser reconhecidos como tal. É o reconhecimento do professor aposentado como ativo na arte, na cultura. Quero que este trabalho continue promovendo a arte e cultura sob a filosofia de que o saber é plural”. Ela comenta sobre como a vida acadêmica deixa os professores muito enredados pela vida acadêmica e esquece da experiência artística. “A arte não envelhece. Essa atividade agrega. É um foco de resistência. A academia não é lugar de ensino cartorial, é um foco de saber plural”, encerra.

A luta em imagens

Em maio e junho o povo foi às ruas fazer valer sua vontade

Em um mês, três manifestações: professores, trabalhadores, estudantes e a comunidade civil foram às ruas de Goiânia e em todo o Brasil nos dias 15 de maio, 30 de maio e 14 de junho tendo como pauta comum a defesa da Educação pública, gratuita e de qualidade para todos e contra a Reforma da Previdência. “O Governo Federal fez a EC 95, a reforma trabalhista, dizendo que iam gerar

mais emprego. Estas reformas geraram muito desemprego e agora o governo Bolsonaro vem com o mesmo discurso quanto à Reforma da Previdência”, disse o presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva. Quanto aos bloqueios na Educação, ele conta que a luta já deu resultado, com a devolução de R\$ 1 bilhão, mas que ainda precisamos lutar pela reversão completa dos bloqueios: “Para as universidades

ainda falta R\$ 1.4 bi e para os IFs R\$ 1.6 bi que não foram devolvidos. Nosso funcionamento permanece comprometido se todos os recursos não forem restaurados”.

Nos três atos, Goiânia conseguiu mobilizar cerca de 15 mil pessoas em cada ato, além de vários atos em Jataí, Rio Verde, Catalão e outras cidades do interior. O professor Márcio Mesquita, da Escola de Agronomia, esteve presente

com as filhas de colo: “estou aqui pelo direito das minhas filhas de estudarem em uma faculdade pública, direito de ensino de qualidade”, defendeu. Tatiane Ferreira, também da Agronomia, completa: “a gente não pode admitir os nossos direitos sendo retirados desse jeito. Temos que defender isso para os nossos filhos. Defender o ensino, a pesquisa e a extensão”, resumem. Confira nossa galeria com o ato do dia 14 de junho:

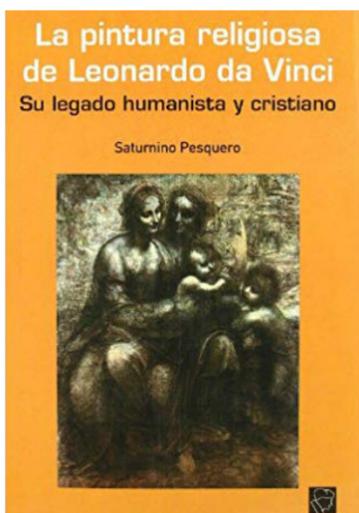
Fotos: José Adriano



Livro de professor da UFG vira referência em Da Vinci

O livro *La Pintura Religiosa de Leonardo Da Vinci: su legado humanista y cristiano*, do professor aposentado Saturnino Pesquero, entrou para uma lista dos 40 melhores livros sobre Da Vinci feita pelo site Acquisticontati celebrando os 500 anos do gênio italiano. O livro do professor Pesquero figura na 32ª posição. Especializado na área de psicologia, o professor possui formação em jornalismo, espanhol e filosofia. De 1973 a 1991, ele lecionou na UFG principalmente na disciplina de psicologia da comunicação, no antigo ICHL. Em conversa com o *Jornal do Professor* ele falou um pouco sobre sua pesquisa e a origem do livro. “Me interessei muito pelo problema da subjetividade. No campo do saber, existem duas maneiras de conceber o homem.

A que mais é conhecida e tem a mostrar é a de Freud. É materialista e fala que o psiquismo humano, a expressão da subjetividade, é fruto de uma evolução graças ao problema da repressão da pulsão básica que é a sexual. Depois tem a corrente que são os que defendem, como o próprio Jung, que a subjetividade é fruto de dois princípios: o corporal e o espiritual”, conta.



“Então eu vi que o fato mais contundente de que existe uma subjetividade, que é fruto dos condicionamentos culturais e do processo criativo, sobretudo artístico, e por isso me interessei, primeiro por Picasso, pelo processo criativo de Cora Coralina, mas no final restou meu interesse por Joan Miró e eu fiz minha tese de doutorado sobre ele”, continua o professor. Ela foi publicada em forma de livro e depois disso, ainda nas artes, veio o interesse por Da Vinci. “Me interessou muito pelo humano, um quadro que Freud tinha estudado que é *A Virgem dos Rochedos*. E lá descobri – é a capa do livro – de que ali na Renascença, um dos problemas que se tinha era o de gênero, o andrógono, e outro mais interessante era sobre a dignidade humana. Porque se tinha uma visão pessimista do homem. E Freud se entusiasmou a analisar a tal ponto que ele fez uma inversão: uma noção de que Cristo se fez homem não somente para viver entre nós mas para dizer que o homem é divino”, comenta. Em *A Virgem dos Rochedos* está sentada Nossa Senhora, João Batista e o menino Jesus e aparece um arcanjo com as asas camufladas para dizer que “não existe nada acima do humano, que o ser humano é divino. Essa pintura foi o que me levou, especialmente, a debater a interpretação que faz Freud”, encerra o professor que esteve em Londres duas vezes para ver a réplica dos quadros e fez o livro todo autodidata, “por conta própria, sem ajuda de ninguém”.

La Pintura Religiosa de Leonardo Da Vinci: su legado humanista y Cristiano

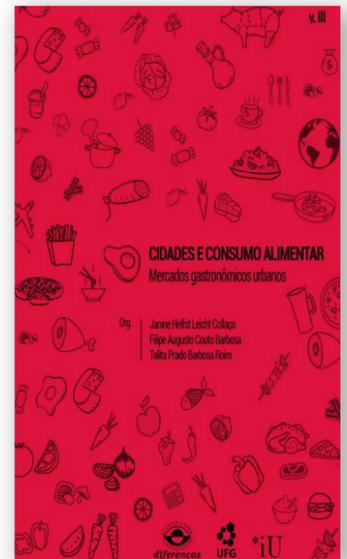
Saturnino Pesquero / Editora Erasmus / 222 páginas

Cidades e consumo alimentar – volume 3: mercados gastronômicos urbanos

Janaína Helfst Leicht Collaço, Filipe Augusto Couto Barbosa e Talita Prado Barbosa

Editora Imprensa Universitária / 196 páginas

Foram lançados mais dois volumes da série *Cidades e Consumo Alimentar* que integram a coleção *Diferenças*, fruto da parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG) e o Cegraf, que visa a publicação de coletâneas, traduções, teses e dissertações dos docentes, discentes e pesquisadores não apenas do programa de pós-graduação, mas também de outros programas que dialogam com as suas linhas de pesquisa. Esta iniciativa pretende contribuir para a divulgação da produção antropológica contemporânea, desde o Centro-Oeste estendendo-se a outras regiões do Brasil, com a diversificação dos meios de publicação de etnografias, de investigações em diferentes campos de conhecimento antropológico e de traduções de textos clássicos e inovadores da reflexão antropológica.

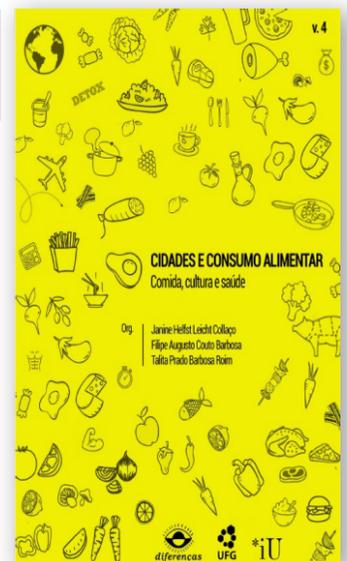


Cidades e consumo alimentar – volume 4: mercados gastronômicos urbanos

Janaína Helfst Leicht Collaço, Filipe Augusto Couto Barbosa e Talita Prado Barbosa

Editora Imprensa Universitária / 204 páginas

O consumo do/no espaço urbano na contemporaneidade adquire dinâmicas sociais e culturais que radicalizam certos aspectos da globalização cosmopolita, conformando sujeitos e patrimônios híbridos, produtos das culturas em movimento entre fluxos locais e globais, entre as geo-histórias singulares de cada cidade, cristalizantes e em constante negociação entre os grupos que ali habitam, já habitaram antes, ou vieram a habitar mais recentemente, com as possibilidades individualizadas de consumo dos lugares e de seus bens culturais, tanto por meio das novas tecnologias de transporte e de informação e comunicação, como, também, pela integração do valor de quase tudo por meio do capital monetário simbólico. Assim, com pessoas e ideias chegam patrimônios constituídos em outros lugares, trajetórias culturais e sócio históricas diferentes trazem consigo a potência de um trabalho específico, uma forma ímpar de transformar a realidade, e com estas vão se instituindo as características indenitárias de novos grupos e seus lugares, novos tipos de bens culturais, novas formas de consumo e de materialidade em meio as trocas econômicas e simbólicas. Radicalizadas nas cidades contemporâneas (especialmente, nas megalópoles), tais características desafiam as ciências sociais e os estudos culturais em geral, tanto devido.



Cidade pequena e central

prof. Elson Rodrigues Olanda

Editora Appris / 173 páginas

No Brasil, os estudos realizados pela Geografia Urbana com o foco na relação interurbana foram muito significativos na década de 1970. A partir da década de 1980, eles foram mais restritos, no entanto não foram abandonados. Desse modo, houve uma intensificação desses estudos no início do século XXI e não necessariamente uma retomada. As numerosas cidades pequenas brasileiras ficaram, por muito tempo, à margem da maioria dos estudos. No entanto isso não significa que elas não apresentem sérios problemas merecedores de atenção e de investigação. A partir da década de 1970, ampliaram-se lentamente as preocupações com o estudo dessas cidades, porém se faz necessário esclarecer que a noção de cidade pequena tem variedade e diversidade que devem ser consideradas e avaliadas de acordo com a rede urbana regional.



VII Sarau dos Professores trabalha a cultura popular goiana

Realizado no dia 26 de junho, o VII Sarau dos Professores Aposentados teve como tema “Cultura Popular Brasileira – Raízes do Brasil” e foi o primeiro coordenado pela professora Dulce Terezinha de Oliveira da Cunha. “Estamos aqui com uma equipe muito bonita. O tema que nós selecionamos foi um pouco diferente porque escolhemos cultura popular brasileira e a ideia é a mesma: unir os docentes através da arte”, comenta. O sarau visa valorizar e divulgar os talentos dos professores da UFG por meio de suas produções artísticas e culturais, sempre com o lema: fazer

e contemplar a arte é uma forma divina de estar no mundo. Foram sete apresentações no total, incluindo canções do Coral Vozes do Adufg-Sindicato, cordel, catira, folia de reis e declamação de poesia. A professora Ana Christina Kratz, coordenadora do Grupo Travessia e diretora de Convênios e Assuntos Jurídicos, afirmou que “este evento pegou: o sarau é uma tradição antiga e que traz para o presente toda essa memória e faz com que as pessoas se encontram hoje naquilo que é importante para elas. É um evento que deve ser cultivado e que veio para ficar”.



foto: Guilherme SF

Grupo de catira Filhos de Aparecida se apresentam no Sarau

Oficina de bordado explora a identidade goiana

O Grupo de Bordado as Novas Penélopes, do Adufg-Sindicato, realizou entre os dias 24 e 26 de junho uma oficina especial de bordado ministrada por Ana Cristina Guimarães, que veio a convite do Adufg-Sindicato, onde ela realiza este trabalho há quatro anos. A ideia é trabalhar com temas que sempre são escolhidos por votação. Ao longo dos anos, Cristina conta que já

exploraram a música do Ceará, mandalas, histórias infantis, folclore brasileiro e a natureza. Ela relata que na época foi convidada a realizar oficinas no sindicato por uma professora. “Foi muito bem aceito o projeto. Nossos encontros acontecem sempre nas quintas-feiras, era para ser três horas de aula, mas nós sempre ficamos um pouco mais (risos), porque elas gostam mui-

to dessa atividade”, conta a professora, “atraímos muitos professores que estavam recém aposentados, meio perdidos, que se encontraram no bordado. Além de ser uma atividade lúdica, ela é relaxante, prazerosa, você pode contemplar o belo que você mesmo fez, que é capaz de produzir. Não é uma terapia, mas há um efeito terapêutico”. Por aqui, a ideia foi tratar da identidade

local, tendo como base o centro histórico da Cidade de Goiás. “Acho que o grupo já tem uma identidade, mas queremos fortalecê-la”, afirma Cristina, “fomos para Goiás porque a proposta foi bordar os casarões antigos, conhecer a casa da ponte”. Isso é o que ela chama de aula de campo: “se elas quisessem bordar Goiás, elas teriam que ir lá. Ver o chão, ver a arquitetura”.

Caldas Novas sedia V Encontro de Aposentados e Pensionistas



Fotos: Tâmara Reis

V Encontro de Aposentados levou filiados e convidados para Caldas Novas

Entre os dias 16 e 19 de junho foi realizado o V Encontro de Aposentados e Pensionistas do Adufg-Sindicato, no Taiyo Thermas Hotel, em Caldas Novas, promovendo a interação entre os docentes aposentados, pensionistas e convidados. Durante os quatro dias, os participantes se divertiram com palestra, jogos, brincadeiras, bingos, seresta, passeio pelos principais pontos turísticos da cidade, oficina de turbante, hidroginástica e outras ativi-

dades. A professora Dulce Terezinha da Cunha, que participa todos os anos do Encontro, falou que é difícil eger apenas uma atividade como a melhor da programação. “A palestra foi maravilhosa, falar de felicidade e ainda mais para nós é importante. Mas, o principal é o valor da nossa amizade, que a cada ano fica melhor”, contou. Professores convidados, Antônio Último da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Maria Ignez da Universida-

de Federal de Viçosa (UFV) aprovaram o evento. “Fiquei impressionada com a organização! Estou muito agradecida por ter participado deste momento, a palavra é realmente gratidão”, disse a docente. “A turma estava muito divertida.” “Queremos organizar um Encontro ainda maior no ano que vem, vamos contar com a participação de todos. Isso é importante para nós e para o sindicato”, promete o diretor de Assuntos de Aposentadoria e Pensão do Adufg-Sindicato, Abraão Garcia Gomes.

ADUFG institui Grupo de Direitos Humanos

O ADUFG-Sindicato promoveu no dia 28 de junho reunião para criação do Grupo de Trabalho (GT) de Direitos Humanos, Raça/Etnicidade, Gênero e Sexualidade da entidade. O encontro reuniu na Sede Administrativa do Sindicato diversos pesquisadores da área. A Diretora de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior do Adufg, Geovana Reis, representa o Sindicato na composição do GT e será a responsável pela sua implantação, em Goiás. “O intuito do Grupo de Estudos é o de analisar a atual conjuntura social e política do País e como ela afeta a pauta dos Direitos Humanos, que são inerentes a todos/as, independente da raça, sexo, nacionalidade, etnia ou qualquer outra condição”, explicou a professora Geovana.

Lee Chen Chen: construindo sua vida no Brasil

A professora do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) veio da China com 13 anos de idade e aqui se fez professora e pesquisadora

José Abrão

“Nunca pensei que ia morar em um país estrangeiro, falar uma outra língua. É o destino da vida, não dá pra prever”. É assim que a professora Lee Chen Chen começa a contar a sua história. Atualmente professora e pesquisadora do ICB, sua vida e sua carreira acadêmica ambas passaram por mudanças de trajetória. Nascida em Xangai após a revolução de Mao Tsé-Tung, Lee já tinha um pai que buscava tirar a família do país e que passou por várias cidades: primeiro em Hong Kong, terminando em São Paulo, onde chegou sozinho em 1960, só conseguindo trazer os filhos e a esposa anos depois.

“Na época o Brasil ainda estava tendo relações com a China, do governo Jânio, veio uma delegação de lá. Meu pai era muito comunicativo, falou com eles que a família ainda estava lá e eles deram as dicas de como trazer a família. Ele fez a instrução junto ao governo e nós conseguimos. Naquela época era muito difícil sair da China”, conta. “Como não havia relações, não se reconhecia o visto da República Popular da China. Eu tive que morar em Macau para fazer outro visto da República da China, que agora é Taiwan, tive que estudar em Macau sem saber quanto tempo o visto ia levar para sair”, relembra. A cidade ainda era colônia portuguesa, mas ninguém falava português. Até os portugueses que trabalhavam lá falavam cantonês. “Não falavam mandarim, a língua nacional. Cantonês era uma língua muito difícil, muito diferente. Eu falava o dialeto de Xangai e mandarim. Na época cada lugar da China tinha um dialeto diferente. A língua nacional se ensinava na escola chinesa, mas não em Macau. Eu não falava nada em cantonês”, conta a professora.

Por lá, já sabendo que ia para o Brasil, decidiu tentar aprender português, mas não deu certo. Não exatamente pelo idioma, mas pelo espírito agitado e brincalhão da própria professora quando criança: “decidimos ir para um curso noturno com uma senhora portuguesa. Só tinha gente adulta, de 30 anos, funcionário público, e eu era a única criança. No primeiro dia eu fui com um passarinho bebê que peguei na rua, fui com ele na mão. A explicação era em cantonês, eu não entendia uma palavra. Aí o passarinho voou e todo mundo riu demais, foi uma bagunça. No dia seguinte, eu não tive coragem de ir”. Depois de muito esforço e mais de um ano e meio de espera, Lee e sua família conseguiram o visto para o Brasil. Foi um mês e meio de viagem de navio atracando em São



Foto: José Abrão

Lee Chen Chen não pensa em se aposentar: “enquanto eu tiver alegria, vontade de trabalhar eu trabalho, quando eu me cansar eu me aposento. Quero trabalhar com alegria!”

Paulo em março de 1964: de uma ditadura direto para outra.

Lee tinha 13 anos e estava muito brava porque na mudança de país e de idioma, ficou atrasada na escola. Foi estudar em uma escola bilíngue para tirar este atraso o mais rápido possível. “Em um ano eu tive que estudar pra caramba português, às vezes 5h da manhã”, lembra. Conseguiu passar na prova de admissão do ginásio e no ano seguinte ingressou no Colégio Estadual Conde José Vicente de Azevedo. Neste um ano, já compreendia bem e falava razoavelmente o português. “Eu sou uma pessoa muito curiosa. Eu gostava muito de gramática, eu podia não entender tão bem, mas estudei muito gramática”, conta.

O tempo passou e a afinidade com as exatas levou Lee para o curso de Física, na PUC de São Paulo. “Eu gosto muito de matemática, mas achava física algo mais intrigante para se estudar”, conta ela, que fazia estágio na USP no Instituto de Energia Atômica (hoje Instituto de Pesquisa e Energia Nuclear), “sempre me interessei pela física nuclear, gostava muito de radioatividade. Eu trabalhava com algo bastante específico, que era termoluminescência. Eu gostava, mas parece que tudo que eu falava para os outros, ninguém entendia (risos)”. Por causa disso, logo ela começou a procurar outros temas que pudessem ser interdisciplinares, com aplicação em outras áreas.

Quando terminou foi fazer mestrado em biofísica e biometria, na UERJ com o coordenador Roberto Alcântara Gomes que depois foi seu orientador de doutorado. Lá ela conheceu o professor Walter Peres, que a convidou para vir à Goiânia. “Pensei, nossa, Goiânia, será que lá é bom? (risos). Eu tinha terminado meus créditos, ele queria que eu desenvolvesse um pouco de pesquisa aqui e fizesse a redação final da dissertação. Fui convidada para vir aqui pro ICB trabalhar com o professor Alberto José Centeno”, relembra. Ela conta que na época quase não havia pesquisa na UFG e era comum o convite de professores de fora para reforçar a equipe com a intenção de criar e estabelecer cursos de pós-graduação por aqui. “Fui chamada para cooperar e ajudar a implantar a pesquisa e logo fiz concurso e entrei também. Acabei fixando, com muito assiduidade, muita alegria”, afirma.

Se tornou professora de bioestatística. “Como eu gostava muito de matemática, achei ótimo (risos). Meu marido, na época namorado, deixou o trabalho e veio ficar comigo com uma bolsa de mestrado só e depois fui contratada como professora e me fixei no ICB”, disse. A pesquisa que ela desenvolvia era fotobiologia, com radiação ultravioleta e cepas bacterianas. Neste interím, se casou com o seu namorado artista, Tai Hsuan-an, hoje nome conhecido no círculo das artes no Brasil todo, e teve duas filhas, mas logo veio a vontade de fazer doutorado. Na época, eclodiu o acidente radiológico de Goiânia e nisso seu ex-coordenador da UERJ veio integrar o Núcleo

de Acompanhamento de Acidentes Radiológicos e a convidou para fazer parte.

“A população inteira ficou doída, todo mundo com medo, inclusive o pessoal da universidade, então fazíamos esclarecimentos, dávamos palestras nas escolas, reuniões com os políticos”, conta. Passada a crise, conversou com o professor Roberto sobre o doutorado e foi novamente pra o Rio de Janeiro, agora para a UFRJ, fazer a tese, sozinha.

“No início, eu devia ir e depois levar a família, mas acabou ficando complicado e eles ficaram aqui. No doutorado eu já trabalhava mais com raio x. Eu trabalhava com fatores de risco de substâncias psicotrópicas”, conta. Porém, no terceiro ano seu orientador sofreu um acidente de carro e morreu. Além da tristeza, teve que mudar de tema já quase no último ano da tese. Além disso, passou da época da sua licença e teve que voltar para a UFG: “ao mesmo tempo tive que dar aula, escrever minha tese e implantar uma nova pesquisa”.

Terminado isso, pensou: “estou no departamento de biologia, é muito difícil conseguir materiais para pesquisar radiação. Naquele tempo surgiu uma onda de pesquisar plantas medicinais, todos queriam saber mais, especialmente do Cerrado. Aconteceu um projeto integrado de diversas áreas com essas pesquisas. Eu entrei com uma linha de pesquisa e extensão”. E lá foi a professora, mudando de área mais uma vez, agora para a área em que ia se tornar conhecida.

“Trabalhei com muitas plantas e orientei muitas pessoas: mestrado, doutorado, iniciação, trabalhando com esse tema”, disse. Até hoje trabalha com plantas e de forma interdisciplinar, estudando principalmente o princípio ativo das plantas e suas atividades farmacológicas. Na graduação, segue com bioestatística e radiobiologia, lembranças da sua origem da qual ainda não se cansou: “eu gosto muito mesmo”. Nesse meio tempo também já assumiu várias posições administrativas em conselhos e comissões: “meu tempo é de manhãzinha ou no horário de almoço, o resto do tempo é trabalhar, trabalhar, comer e desmaiar (risos)”, brinca, “enquanto eu tiver alegria, vontade de trabalhar eu trabalho, quando eu me cansar eu me aposento. Quero trabalhar com alegria!”.

Olhando para trás, não tem arrependimentos: “a gente se sacrificou muito e eu também tive sorte. Sou filha da UFG. Foi meu primeiro emprego, parece que meu destino era ser professora e pesquisadora. As coisas se encaixaram, com muito entusiasmo. Tem que apostar, fazer as coisas, não se pode ter medo”.